ANA CÉLIA DE OLIVEIRA PAZ
ELÓI MARTINS SENHORAS
(organizadores)



EDUCAÇÃO AMBIENTAL

TEMAS E DEBATES

IOLE EDITORA

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Temas e Debates

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Temas e Debates

ELÓI MARTINS SENHORAS
ANA CÉLIA DE OLIVEIRA PAZ
(organizadores)

BOA VISTA/RR
2026

Editora IOLE

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.



EXPEDIENTE

Revisão
Elói Martins Senhoras
Geane Ribeiro Silva Monteiro

Capa
Alokike Gael Chloe Hounkonnou
Elói Martins Senhoras

Projeto Gráfico e Diagramação
Elói Martins Senhoras
Balbina Líbia de Souza Santos

Conselho Editorial
Abigail Pascoal dos Santos
Charles Pennaforte
Claudete de Castro Silva Vitte
Elói Martins Senhoras
Fabiano de Araújo Moreira
Julio Burdman
Marcos Antônio Fávaro Martins
Rozane Pereira Ignácio
Patrícia Nasser de Carvalho
Simone Rodrigues Batista Mendes
Vitor Stuart Gabriel de Pieri

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (CIP)

Se73 SENHORAS, Elói Martins; PAZ, Ana Célia de Oliveira Paz (organizadores).

Educação Ambiental: Temas e Debates. Boa Vista: Editora IOLE, 2026.

Série: Educação. Editor: Elói Martins Senhoras.

ISBN: 978-65-979656-7-0

1 - Brasil. 2 - Educação Ambiental. 3 - Empiria. 4 - Estudos de Caso. 5 - Teoria.
I - Título. II - Paz, Ana Célia de Oliveira. III - Educação. IV - Série

CDD–370

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é de exclusiva responsabilidade dos autores.
O presente livro contou com avaliação às cegas no sistema double-blind-review.



EDITORIAL

A editora IOLE tem o objetivo de divulgar a produção de trabalhos intelectuais que tenham qualidade e relevância social, científica ou didática em distintas áreas do conhecimento e direcionadas para um amplo público de leitores com diferentes interesses.

As publicações da editora IOLE têm o intuito de trazer contribuições para o avanço da reflexão e das práxis em diferentes áreas do pensamento e para a consolidação de uma comunidade de autores comprometida com a pluralidade do pensamento e com uma crescente institucionalização dos debates.

O conteúdo produzido e divulgado neste livro é de inteira responsabilidade dos autores em termos de forma, correção e confiabilidade, não representando discurso oficial da editora IOLE, a qual é responsável exclusivamente pela editoração, publicação e divulgação da obra.

Concebido para ser um material com alta capilarização para seu potencial público leitor, o presente livro da editora IOLE é publicado nos formatos impresso e eletrônico a fim de propiciar a democratização do conhecimento por meio do livre acesso e divulgação das obras.

Prof. Dr. Elói Martins Senhoras

(Editor Chefe)

Copyright © Editora IOLE
2026

CAPÍTULO 4

O Diálogo entre Literatura e Educação Ambiental

O DIÁLOGO ENTRE LITERATURA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL[1]

Vera Maria Hoffmann[2]

Este artigo objetiva trazer a relação dialógica entre a literatura, enquanto arte, e a educação ambiental. Durante minha caminhada como educadora, através de minhas reflexões sobre as práticas desenvolvidas, sempre acompanhadas por muitas leituras e sustentadas por uma boa rede teórica, percebo que a literatura, muitas vezes tem se mostrado, mais do que outras formas de conhecimento, capaz de representar o irrepresentável ou o indizível. Trata-se da sensibilização que somente a Arte é capaz de provocar, através de uma linguagem que somente ela é capaz de traduzir. Assim sendo, graças às potencialidades imagéticas da criação literária, faz-se possível dar concretude e evidência a elementos que, de contrário, seriam imperceptíveis a "olhos distraídos". Conforme a tessitura de André Neves (2007):

> Quem tem olhos distraídos, nem imagina que as árvores possuem grande sabedoria, conhecem segredos e mistérios enraizados profundamente, histórias que enchem aos poucos o coração e deixam os olhos com uma luz especial.

[1] Uma versão prévia deste capítulo foi apresentada no X Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (EDEA/FURG,2018).

[2] Escritora e contadora de histórias. Professora aposentada das Redes Municipais de Ensino de São Leopoldo e Novo Hamburgo (RS). Especialista em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). E-mail para contato: vera_mh@yahoo.com.br

A Educação Ambiental na escola é de fundamental importância para a transformação da comunidade na qual está inserida. Cumpre assinalar que, de acordo com Loureiro:

> O fato de sermos uma espécie biológica não esgota o ser humano enquanto ser social. Ou seja, um ser complexo construído pelas relações entre o biológico, o cultural, o econômico, o político e o histórico (2006, p. 37).

Partindo do trabalho com a comunidade escolar, através de projetos de Educação Ambiental, crítica e solidária podemos disseminar essa prática de maneira significativa, criando redes que se multipliquem para transformar a relação cultura-natureza. Como observa Loureiro:

> A Educação Ambiental promove a conscientização e esta se dá na relação entre o "eu" e o "outro", pela prática social reflexiva e fundamentada teoricamente. A ação conscientizadora é mútua, envolve capacidade crítica, diálogo, a assimilação de diferentes saberes, e a transformação ativa da realidade e das condições de vida (2004, p. 29).

Nesse sentido, devemos assumir o dever de contribuir para a formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres em relação ao outro e ao planeta como um todo; cidadãos com uma consciência planetária, respeitadora da diversidade social e da biodiversidade que compõe o planeta. O Projeto "*Semeando Histórias, Cuidando de Gaia*", desenvolvido com um grupo de alunos dos anos finais, busca estender as ações desenvolvidas às demais turmas da escola, bem como às comunidades próximas.

A construção de uma nova mentalidade social e cultural deve ser estimulada na escola. Trajber (2005, p. 151) nos traz a importância do legado de Celestin Freinet para a Educação quando propõe a participação e integração família/comunidade/escola valorizando o ponto de vista e a palavra da criança (leia-se aqui, sujeito) na produção do conhecimento. Da mesma forma, a autora faz referência a Monteiro Lobato, no Brasil, década de 40, quando cria *O Sítio do Pica-pau Amarelo* e *A Matemática e Gramática de Emília* para educar de forma divertida e mobilizar os jovens para os temas nacionais a partir da literatura. Assim, pode-se perceber o valor da mesma para todas as áreas do conhecimento e, em especial, como agente de transformação do meio ambiente, levando-se em conta a riqueza que existe nos contos, fábulas, mitos e poesias voltadas para as questões ambientais.

No transcorrer dessa educação integral, igualitária, humanitária e ecológica, precisamos superar os falsos valores que estão na gênese e no crescimento da sociedade ocidental e na sua cultura para criar novas formas de ser e estar no mundo, promovendo indivíduos críticos, éticos e conscientes de seu papel na sociedade e no planeta. Segundo Loureiro:

> A Educação Ambiental Transformadora enfatiza a educação enquanto processo permanente, cotidiano e coletivo pelo qual agimos e refletimos, transformando a realidade de vida (2004, p. 65).
>
> […] Baseia-se no princípio de que as certezas são relativas; na crítica e autocrítica constante e na ação política como forma de se estabelecer movimentos emancipatórios e de transformação social que possibilitem o estabelecimento de novos patamares de relações na natureza (2004, p. 84).

O ser humano tem por hábito cuidar do "que é seu", por isso, é necessário que cada um desenvolva o sentimento de pertença e, ao mesmo tempo, participe ativamente para garantir as mudanças necessárias a fim de tornar o lugar onde vive cada vez melhor, nessa linha Brandão nos traz:

> Qualquer que seja o contexto em que se esteja vivendo uma experiência de educação ambiental, as pessoas que se reúnem em *círculos de experiências e de saberes*, possuem de qualquer maneira algo de seu, de próprio e de originalmente importante. E o trabalho é mais fecundo quando em uma comunidade aprendem-te, todos têm algo a ouvir e algo a dizer. Algo a aprender e algo a ensinar. Lugares de trocas e de reciprocidades de saberes, mas também de vidas e de afetos, onde a *aula expositiva* pode ser cada vez mais convertida no *círculo de diálogos* (2005, p. 90).

A responsabilidade de construção de uma nova mentalidade social e cultural começa na família e é estimulada na escola. Portanto, convidar alunos a participarem de círculos de diálogos e, serem interlocutores junto à comunidade escolar, junto as suas comunidades, tecendo redes de saberes e, de afetos, é imprescindível. Destaco também, a relevância de estarmos envolvidos com a EA de tal forma, a sermos mote para que nosso aluno, também a pratique além dos muros da escola. Com foco, determinação e como espaço de resistência. O que ilustro com o poema de João Cabral de Melo Neto.

Tecendo a Manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará
sempre de outros galos.

De um que apanhe esse grito que ele e o lance a
outro; de um outro galo

que apanhe o grito de um galo antes e o lance a
outro; e de outros galos

que com muitos outros galos se cruzem os fios de
sol de seus gritos de galo,

para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá
tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos, se erguendo
tenda, onde entrem todos, se entretendo para todos,
no toldo

(a manhã) que plana livre de armação. A manhã,
toldo de um tecido tão aéreo que, tecido, se eleva
por si: luz balão.

Por conseguinte, a Literatura através da sensibilidade, da paixão e do sonho contido na sua produção poderá possibilitar um (re) encontro entre o eu, o outro e a natureza que nos completa e irmana. Ou seja, através da Literatura pode-se percorrer e fertilizar este campo de tensão no qual estamos inseridos, criando e recriando teses e antíteses e, assim, instigando outras possibilidades de diálogo para com a Educação Ambiental.

METODOLOGIA

O mote de todas as ações aqui apresentadas, tanto na educação formal, como na educação não formal, baseia-se no estudo da literatura, na contação de histórias e na mediação de leitura, objetos de estudo e sensibilização. O projeto, na escola, desenvolve-

se a partir de contações de histórias, mediação de leitura e oficinas. Às quintas-feiras acorrem reuniões, círculos de diálogos, com os alunos do grupo de leitura (anos finais) que foi formado por adesão e, é composto por nove alunos, sendo três meninos e seis meninas. Nesses encontros discutimos literatura de vários gêneros, partindo geralmente das histórias da tradição oral, fonte onde bebem a maioria dos grandes escritores. Também são realizadas oficinas, onde estes alunos desenvolvem a arte da contação de histórias e a mediação de leitura, já com o olhar sensível às questões ambientais contidas nas entrelinhas. Capacitando-os assim, para levarem às demais turmas, especialmente aos anos iniciais, o diálogo amoroso que acontece entre literatura e educação ambiental.

Literatura e a tragédia de Mariana: Um grito tardio, através de, Um Dia, Um Rio

O livro "Um dia, um rio", de Leo Cunha, com ilustrações de André Neves, Ed. Pulo do Gato, é um lamento, um grito de socorro tardio de um rio indefeso que não tem como reagir ao ser invadido pela lama da mineração que destrói suas águas e as vidas que abriga. O livro traz a fala doce e amargurada de um rio que perdeu sua vocação e sua voz e que por isso lamenta sua sina como se cantasse uma triste modinha de viola, recordando o tempo em que alimentava de vida seu leito, suas margens e as regiões por onde passava. Com lirismo e contundência dialoga sobre o desastre ambiental que abalou a Bacia do Rio Doce, em 2015. O mesmo trágico destino que segue destruindo a vida de muitos rios brasileiros. Não alguém, que não se emocionasse ao ler ou ouvir a história. Uma linda, mas muito triste história, como tantas outras que conhecemos. E não resta dúvida, estamos aqui, testemunhando um diálogo entre a arte e a educação. A arte literária e a educação ambiental! "Quando as aves

falam com as pedras e as rãs com as águas – é de poesia que estamos falando" (BARROS, 2005, p. 58).

Literatura e Sustentabilidade: A Casa da Flor através da obra, Instruções para Construir Uma Flor, de Christina Dias

Ao indicar os passos para construir uma flor, a autora Christina Dias, nos apresenta a linda história de Gabriel Joaquim dos Santos. Um gênio reconhecido apenas depois de sua morte e que mesmo sua obra sendo Patrimônio Cultural, ainda é um mero desconhecido para grande parte dos brasileiros. Nascido em 1892, em São Pedro da Aldeia (RJ) Filho de uma índia e um escravo recém alforriado. Seus pais receberam um terreno para começar uma nova vida. Foi nesse local que Gabriel começou sua construção, recolhendo dos lixos domésticos e refugos de obras, cacos de cerâmica, louça, vidro, ladrilhos, velhos bibelôs, lâmpadas queimadas, conchas, pedrinhas, correntes, tampas de metal, enfim, tudo que pudesse aproveitar para construir sua casa e torná-la mais bonita, tudo que pudesse transformar em flor. Trabalhava numa salina e só aprendeu a ler aos 36 anos. Mas, sabia exatamente como posicionar as pedras para que o vento passasse e refrescasse a Casa inteira como se tivesse ar-condicionado. A geladeira, única que ele teve, era uma caixa de pedra com um vaso de barro dentro. Nas laterais dessa caixa, aberturas para o vento frio entrar e manter a água do vaso sempre gelada. Nenhum material nobre foi utilizado na construção da casa de Gabriel, que levou décadas. Era feita de pau-a-pique, pedras, telhas, cal e barro; apenas "caquinhos transformados em beleza", como ele mesmo dizia: a Casa da Flor. Todos achavam que S. Gabriel era louco, porque, se sonhasse com algo, já no dia seguinte começava a materializar seu sonho. Muitos o chamavam de maluco, ao que ele respondia: "Quando eu morrer, minha casa vai entrar para história". Estava certo! Não conhecia a palavra

sustentabilidade, mas foi mestre em construções sustentáveis. “Esta casa não é uma casa… isto é uma história. É uma história porque foi feita de pensamento e sonho. Uma casa feita de caco, transformada em flor.” Gabriel Joaquim dos Santos” (1892 – 1985).

A aridez do Sertão: O Sertão de Fábio Monteiro em prosa poética

Em “Sertão”, Fábio Monteiro e Maurício Negro tocam os leitores pela singeleza da narrativa, pela árida paisagem sertaneja e pelos encantos de um menino que relata a sua amizade com um pássaro. Tonho vive no sertão e conhece um pássaro azul que voa por vários lugares, trazendo a ele realidades diferentes (a chuva, a guerra, a dor) e novas descobertas. O autoconhecimento e as novas descobertas são trazidos pela natureza, assim como a passagem de um mundo estéril a um abundante. Sertão reporta-nos aos laços de amizade e ligação sentimental que vão se construindo no contato. Se a obra nos remete ao sertão nordestino, bem sabemos que a aridez da terra já se estende por muitas regiões do nosso imenso Brasil, como acontece no Rio Grande do Sul, com o já conhecido, deserto do Alegrete. O texto propõe, também, um modo muito lírico na descoberta de diferentes realidades. Texto e imagens dialogam entre si e, especialmente, com as questões ambientais. Poderia ser uma história triste, mas um pássaro a transforma em esperança. Esperança cada vez mais necessária para enfrentarmos as agruras da vida.

Educação não Formal: Histórias de Germinar na Virada Sustentável de Porto Alegre

Na oficina *Histórias de Germinar*, é feita a contação de história de *A Caligrafia de Dona Sofia*, obra de André Neves. A

protagonista da história é uma professora aposentada que mora no alto de uma colina. Ela cultiva flores, que vende na cidade, e gosta muito de lidar com as plantas. Mas ela é, mesmo, apaixonada por poesia. É um amor tão grande que transborda e a leva a escrever poemas pelas paredes, cortinas, portas, desde o teto até o chão. Porém, de tanto escrever, certo dia não encontrou mais espaço.

Então, não tendo mais espaço nas paredes, ela começa a escrever cartões para as pessoas da cidade com poemas dos poetas que mais ama, enfeitando-os com flores colhidas de seu jardim. Nessa tarefa, Dona Sofia conta com a ajuda de seu amigo, o carteiro Ananias. Um dia, até o Seu Ananias — que entrega cartas há tantos anos e nunca recebeu nenhuma — recebe uma poesia, e isso muda a vida dele, ou melhor, a visão que ele tem da vida, de forma linda e lírica. E os dois se tornam ainda mais companheiros no trabalho de espalhar a poesia por todos os cantos possíveis e imaginados da cidade.

Após a história, os ouvintes participam da oficina de "germinobolas", que são bolas de húmus e argila em cujo miolo são colocadas sementes. A estrutura protege as sementes e permite que elas germinem. As "germinobolas" são uma alternativa para recuperar solos degradados e matas ciliares à beira de nascentes, córregos e rios. Na oficina que realizamos, são colocadas sementes de flores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das leituras e das práticas aqui relatadas, compreendo que a Educação Ambiental se caracteriza por uma necessidade inerente ao processo de formação do indivíduo enquanto ser crítico, social, político e transformador do sistema. Todavia, a Literatura,

através da sensibilidade, da paixão e do sonho contido na sua produção, poderá possibilitar um (re)encontro entre o eu, o outro e a natureza que nos completa e irmana. Através da Literatura pode-se percorrer e fertilizar este campo de tensão no qual estamos inseridos, criando e recriando teses e antíteses e, assim, instigando outras possibilidades de diálogo para com a Educação Ambiental.

Para entender, nós temos dois caminhos: o da sensibilidade que é o entendimento do corpo; e o da inteligência que é o entendimento do espírito. Eu escrevo com o corpo. Poesia não é para compreender, mas para incorporar. Entender é parede; procure ser árvore (BARROS, 2002, p. 37).

REFERÊNCIAS

BARROS, M. **Arranjos para assobio**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

BARROS, M. **Tratado geral das grandezas do ínfimo**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

BRANDÃO, C. R. "Comunidades Aprendentes". *In*: FERRARO JÚNIOR, L. A. (org.). **Encontros e caminhos**: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, 2005.

CUNHA, L.; NEVES, A. **Um dia, um rio**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2016.

DIAS, C.; PATERNO, S. **Instruções para construir uma flor**. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

HOFFMANN, V. M. **Biblioteca escolar como agente de transformação do ambiente**. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2013.

LOUREIRO, C. F. B. "Educação Ambiental Transformadora". *In*: LAYRARGUES, P. P. (org.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: MMA, 2004.

LOUREIRO, C. F. B. "Teoria Crítica". *In*: FERRARO JÚNIOR, L. A. (org.). **Encontros e caminhos**: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, 2005.

MELO NETO, J. C. "A educação pela pedra". *In*: MELO NETO, J. C. **Poesias Completas**. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1968.

MONTEIRO, F.; NEGRO, M. **Sertão**. São Paulo: Editora Paulinas, 2016.

NEVES, A. **A Caligrafia de Dona Sofia**. São Paulo: Editora Paulinas, 2007.

NEVES, A. **Um pé de vento**. Porto Alegre: Editora Projeto, 2007.

TRAJBER, R. "Educomunicação para coletivos educadores". *In*: FERRARO JÚNIOR, (org.). **Encontros e caminhos**: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, 2005.